
Mulher Negra é Raça e é Cor¹

Eliã Siméia Martins dos Santos AMORIM²
Clotilde PEREZ³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho faz parte da pesquisa de doutoramento pela Universidade de São Paulo, cujo tema centraliza-se na questão da “beleza da mulher negra jovem quilombola”; neste sentido discute a beleza negra como elemento de uma nova proposta de reafirmação identitária, na tentativa de romper com os padrões estéticos europeus, percebendo que retornar aos padrões de beleza de mulheres negras africanas, presentes na indumentária, nos cabelos assim como adereços, tais elementos são comunicadores e se relacionam ao sagrado. Percebeu-se que a força pela identidade negra também se vincula às lutas dos Movimentos Negros em todo o país. Crê-se, portanto, que o sentido de ser mulher negra bela contemporânea está atravessado pelos movimentos negros, respaldados ou não por meio da mídia, da moda, do mercado, da política, do consumo e da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra; Beleza Negra; Estética; Comunicação do Corpo.

1.A BELEZA DA MULHER NEGRA

A África tem sido o grande berço de onde saem pesquisas, estudos e do desenvolvimento científico sobre o tema. Considerada “o berço das civilizações”, o imenso continente abriga ancestrais de todos os povos, confirmados pelos achados da arqueologia e da antropologia. Contudo, com toda influência eurocêntrica, assentada em valores brancos, estas nações foram aos poucos sendo estigmatizadas e preconceituadas, gerando consequências desastrosas, desumanas, destituindo-as de sua singularidade própria, retirando todas as características e atributos às capacidades de inteligência e potencial de força, trabalho e produção de cultura. (NASCIMENTO, 2006).

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania - GP **Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros**, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação. ECA USP pelo Programa DINTER USP; professora assistente da UNEB. E-mail: eliasimeia@yahoo.com.br

³ Professora Livre-docente em Ciências da Comunicação pela ECA – USP Orientadora pelo Programa DINTER USP Ciências da Comunicação. ECA USP. E-mail: cloperez@terra.com.br

Neste continente, assim como no Brasil, a beleza da mulher durante muito tempo esteve atrelada às funções de maternidade, da docilidade, da obediência e aos valores de família. Laura Padilha (2004, p. 14), afirma que “as antologias sacralizam a mulher africana, vendo-a como “um laboratório sagrado onde se processa a permanência dos ancestrais”. Fortemente retratada na poesia de Chiziane, poetiza moçambicana⁴:

Comparo a mulher à terra porque ela é o centro da vida.
Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é o abrigo
no período da gestação. É alimento no princípio de todas
as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres
humanos na superfície da terra. (CHIZIANE, 1994, p. 15).

Mas não é só isto; culturalmente, a beleza da mulher oriunda do continente africano, de que temos referência, está estreitamente vinculada aos enfeites, adereços, pinturas corporais e adornos. Os cabelos trançados, turbantes, roupas coloridas são marcas do feminino, que também se relacionam ao sagrado.

Ainda no período da colonização brasileira, quando negros e negras vieram como escravos, percebiam-se que as mulheres angolanas tinham o costume de escarificar o corpo, sarjando a pele e esfregando sobre os furos e cortes, algumas substâncias vegetais a fim de provocar queloides e cicatrizações. Para Braga, (2015, p. 76) “Era um modo de enfeitar o corpo e aumentar a atração sexual⁵.”. No Brasil, as filhas dessas mulheres não passaram por estas práticas; conquanto os dentes brancos e o nariz afilado eram modelos estéticos apreciados.

Com relação ao uso de adereços e à sensualidade provocada pelas mulheres negras, as fotografias do Século XIX e início do Século XX no Brasil, demonstram que o modo como a vestimenta, a exemplo do pano nas costas estava disposto, especificadamente: “funcionava como linguagem capaz de revelar sua origem e seu estado de casada ou solteira”. (BRAGA, 2015, p. 81). Da mesma forma, como estava posto o turbante e os penteados era a possibilidade de identificar sua cultura tribal, retratar linhagens e *status* dentro dos grupos sociais. “O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano”. (p.82). Alguns grupos também limavam os dentes ou

⁴ Primeira romancista de Moçambique diz não ter liberdade para escrever como um homem: 'Somos prisioneiras' (FAGUNDEZ, Ingrid, Da BBC Brasil em São Paulo, outubro de 2016).
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37734763>

⁵ Grifo nosso

arrancavam os incisivos como sinais de beleza e identidade. As negras vindas da Guiné, Cabo e Serra Leoa eram consideradas as mais bonitas de corpo.

Neste Brasil escravocrata, a beleza da mulher negra deveria retratar o modelo da eugenia, do que estivesse mais próximo das brancas, como: “beijos finos, olhos grandes, pés pequenos, espigadinha de corpo, peito em pé”. (BRAGA, 2015 p. 63, retirado de nota do *Jornal do Commercio*, 08.01.1833).

Para Ambrósio (2016, s.p.):

Durante décadas, as mulheres africanas não puderam mostrar seu cabelo natural porque o colonialismo criminalizava a cultura delas. Agora, meio século depois da emancipação de seus países, elas voltam a mostrar seus cabelos ao natural como uma parte importante de sua identidade africana e política.

A finalidade de contrapor a imagem da negra promiscua, usada como fetiche sexual, sem costumes e adversa às condições morais da época, diversos jornais como *Menelick*, *Getulino*, *Elite*, *Patrocínio* e *Progresso* lançaram concursos de beleza específicos para mulheres negras. O primeiro deles foi datado de 1916. Percebe-se que tais concursos buscavam não apenas valorizar a beleza física das mulheres, mas destacar os valores morais, a inteligência e principalmente a atuação política que prestigiaria sua raça. Nesse momento, “a beleza negra não passa pelo corpo negro, mas pela sua moral”. (BRAGA, 2015, p. 101).

Braga ainda afirma que o que contrapõe este discurso acerca da afirmação identitária negra é que as vencedoras do concurso da “Miss Progresso”, em 1930, tinham cabelos lisos ou alisados pelo produto mais famoso entre as mulheres negras da época: “o *Cabelisador*”, cujo anúncio prometia: “(...) *quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso? (...) quem não prefere ter a cabeleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos curtos e crespos?*” (*sic*). (BRAGA, 2015, p. 103). Ou seja, de certa forma, a visão eugenista deixava seus tentáculos entre as próprias mulheres negras.

Mas não era somente o *cabelisador* a grande esperança para o “branqueamento” na beleza negra, os alisamentos eram feitos com ferros quentes; outros produtos foram lançados no mercado e várias cabeleireiras e salões famosos especializaram-se na arte de tornar os cabelos socialmente aceitos e adequados às mulheres negras modernas. Compondo este quadro, o pó de arroz, as pastas que disfarçavam manchas, espinhas e

defeitos da pele também faziam grande sucesso. Em 1920, a Max Factor criou uma maquiagem capaz de clarear peles morenas. Este produto foi feito especialmente para Rodolfo Valentino (SANT'ANNA, 2014). Era a estética branca que continuava dominando.

A Frente Negra Brasileira (FNB) surge em 16 de setembro de 1931, com a missão de reunir movimentos negros, resgatando negras e negros da exclusão, preconceito e estigmatização, reafirmando suas identidades; publicou diversos artigos e manifestos nos jornais como “O Clarim d’Alvorada (junho de 1929); “A Voz da Raça” (17.03.1934); promoveu reuniões diversas, buscando a visualização da mulher negra frentenegrina para além dos “estereótipos que ainda recaiam sobre a mulher negra: lasciva, volúvel, mulher à toa, prostituta”. (DOMINGUES, 2007, p. 356).

Foram criados vários códigos de “civildade”, onde imperavam regras de etiqueta, como na coluna “O que nós os pretos devemos saber”, de Noemia Campos, que alertava:

Minhas irmãs negras; nós, antes de usarmos boina, sapatos sem meia, blusas sem mangas e brincos argolão, devemos primeiramente consultar com as nossas costureiras ou pessoas amigas, para ver-se nos fica bem, para não sermos vítimas do riso, dos transeuntes e vergonha das nossas irmãs que sabem trajar-se bem. (A VOZ DA RAÇA, 30/09/1933 *apud* DOMINGUES, 2007, p. 364).

Novos e mais fortes movimentos surgiram como o Teatro Experimental de Negros (TEN), em 13 de outubro de 1944, e a criação do jornal O Quilombo, além de dezenas de outros, citados por Nascimento (2003), que se opunham a todo sinal de discriminação racial e se fortaleciam no sentido de valorizar, dentre outros aspectos, a beleza da mulher negra brasileira. O TEN se propunha a alfabetizar, oferecer atuação em espaços de artes cênicas, cultura, educação e política, além de promover concursos de beleza negra, com seus padrões próprios e étnicos, com o objetivo de resgatar a autoestima das mulheres, que eram impedidas de concorrerem em concursos pautados na estética branca, europeia.

O concurso “Rainha das Mulatas e Boneca de Pixe” denunciava, com ironia, o estereótipo de que a negritude é feia, repugnante e inadequada. Estes concursos seguiram, ampliando seus espaços, divulgando eventos e buscando cada vez mais, elevar a beleza negra dentro de seus padrões étnicos, projetando socialmente as candidatas.

O Renascença Clube, fundado em 17 de fevereiro de 1950, no Rio de Janeiro, era o espaço da elite negra. De lá foram promovidas festas, eventos e também concursos de beleza como: Miss Rainha da Primavera, Miss Suéter, Miss Elegante, Miss Renascença,

onde as candidatas deveriam apresentar “dotes de simpatia, beleza, elegância e boa educação”. (BRAGA, 2015, p. 186). Além disso, as moças deveriam ter a capacidade de comunicar gestualmente, corporalmente e de uma linguagem requintada, representando uma alta classe, como uma boa moça de família.

À mulher negra ainda que tivesse todas estas condições não poderia candidatar-se aos concursos exclusivos às brancas, como o Miss Brasil e Miss Universo, uma vez que estes tendiam a:

centralizar as atenções sobre o rosto e os cabelos, valorizando a origem geográfica e não racial de cada mulher. (...) A pele alva não se limitava à brancura, pois abarcava, também a ausência de manchas e cicatrizes. Moças alvinhas, conforme diziam, simbolizavam saúde, status, riqueza e limpeza. (SANT’ANNA, 2014, p. 64).

A década de 70, mostrou-se profícua para o sentido da estética negra, principalmente na Bahia, quando Caetano Veloso e Gilberto Gil cantam a exaltação aos cabelos trançados, com contas e alimentam o uso de becas coloridas, búzios, calças leves e folgadas. (FIGUEIREDO, 2016).

Tais ações profundamente influenciadas pelo Movimento Black Rio, no final dos anos 60, cujos jovens, moças e rapazes negros mestiços e cariocas, oriundos em grande parte da periferia, originaram os primeiros bailes de *black*, que para Luiz Felipe de Lima Peixoto e Zé Octavio Sebadelhe⁶ (2016) deram um novo formato de comportamento e de costumes “ao papel de afirmação do orgulho negro”, apoiados na música e na dança, de forma que cantores como Tim Maia, Sandra de Sá, Gerson King Combo e Toni Tornado são fortes expressões desta época.

Paul Gilroy (2001) em seu livro “*O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*”, afirma que a identidade negra é uma construção política e histórica marcada pelas trocas culturais através do Atlântico, e que contemporaneamente, a discussão acerca da diáspora negra teria surgido como uma resposta direta "aos ganhos translocais advindos do movimento *Black Power* durante a Guerra Fria" (p. 17), pois afirma:

Este trabalho corresponde às aflições da geração da Guerra Fria, que incluem a atração pelo passado, a adesão ética e política à ideia de celebrar a experiência sublime da escravidão e uma disposição geralmente favorável diante de movimentos sociais que desafiem o sistema numa insurgência revolucionária que

⁶ <https://almapreta.com/editorias/realidade/voce-ja-ouviu-falar-no-movimento-black-rio>

complemente, amplie e, então, repudie um iluminismo europeu incompleto e codificado racialmente. (GILROY, 2001, p. 16)

Compreendemos que aliado a todas as questões sociais e políticas que foram dando formato aos movimentos raciais no país, como o surgimento do Grupo Palmares de Porto Alegre/RS, criado em 1971, que propõe e realiza no mesmo ano o deslocamento das comemorações do 13 de maio (abolição da escravatura) para 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra; do Movimento Negro Contemporâneo (1978)⁷ foram desenvolvidas ações que buscaram a transformação nas desigualdades raciais no Brasil. (GELEDÉS, 2016, s.p), onde “a cultura passou a ser entendida como um conceito operado substantivamente, epistemologicamente e gramaticalmente, por exemplo, nas lutas de libertação nacional na África, ou nas lutas pelo empoderamento da agência afro-brasileira no Brasil”. (AMORIM, 2011, p. 16).

Para Silveira, a partir do março de 1971, podemos considerar três momentos das lutas negras no Brasil, que seria o Período Contemporâneo:

aí tem três divisões: de 1971 a 1978, que eu chamo —a virada histórica; de 1978 a 1988, que é uma fase de organização do movimento, em que surgem novas entidades, tem os protestos, as denúncias [...] A Constituição é também um marco, porque nós passamos a viver um novo período, uma fase de conquistas, de obtenção de retornos. [...] Finalmente, no último período, de 1988 para cá, temos que considerar, por exemplo, o trabalho na área educacional, em que nós temos um avanço muito grande, a produção escrita, a formação de mestres e doutores negros e a participação dos Neabs nas universidades, que é muito importante (SILVEIRA, 2007, p. 270).

A partir da década de 80, o Brasil começa a produzir produtos específicos que atendiam a valorização e adequação a cútis e cabelos afro. A Nazca Cosméticos, fundada em 1986 foi uma das marcas pioneiras, seguidas da Niely Cosmetics, em 1990; e depois disso a Pantene, Natura, Avon, Dove e outras tantas, buscaram empreender em marcas específicas para o embelezamento da mulher negra.

⁷ Com tal fim, surgiu a 7 de julho de 1978 o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial. Naquele dia, um ato público reuniu centenas de pessoas em frente ao Teatro Municipal de São Paulo para denunciar a discriminação sofrida por quatro atletas negros nas dependências do Clube Regatas Tietê, e a tortura e assassinato numa delegacia de outro jovem negro, Robson Silveira da Luz. A manifestação popular teve grande impacto nos rumos da política negra. O Brasil ainda vivia o regime militar, e em nome da segurança nacional a reunião de manifestantes em praça pública era, em geral, duramente reprimida pela polícia. Assim, aquela manifestação de negros e simpatizantes da causa anti-racista representava um desafio à ditadura (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 290 *apud*, AMORIM, 2011, p.17)

Somente em 1986, que a gaúcha Deise Nunes é a primeira negra a conquistar o título, para a revolta da hegemonia branca preconceituosa e para a satisfação dos movimentos negros.

Clóvis Moura afirma:

que a capacidade organizativa da população negra brasileira a levou a transformar —um estigma que essa sociedade lhe impôs em —herança positiva [...] através de um *ethos* criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabeleceram (MOURA, 1983, p. 144).

Fatos como a comemoração do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares (300 anos) possibilita um marco na luta antirracista e promove em 20 de novembro de 1995, “a Marcha Zumbi dos Palmares”, que vão dando segmento até a Marcha Zumbi + 10, em 2005. (AMORIM, 2011). Tudo isso foi dando um sentido diferenciado e possibilitando o empoderamento a mulheres e homens negros e de certa forma, a introdução dos debates sobre Ações Afirmativas no país. Clóvis Moura afirma que: “em toda a nossa história social vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com as suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído social, cultural e biologicamente” (1975, p. 143 apud AMORIM, 2011).

Percebe-se que na contemporaneidade, uma nova proposta de reafirmação identitária, busca retornar antigos padrões de beleza africanos, na tentativa de romper com os padrões estéticos europeus, reforçando a indumentária, os cabelos trançados ou naturais, sem alisamento assim como o uso de adereços (FIGUEIREDO, 2016, GOMES, 2002).

Calasans (2016) afirma que a força da mulher negra está em seu cabelo, em sua ancestralidade. Neste sentido, a aceitação de sua negritude começa pela aceitação de sua cor da pele, dos lábios e nariz grossos. Se foi pela cultura que os negros foram estigmatizados e as mulheres negras consideradas inadequadas em suas características e estética da beleza, deve ser por este mesmo caminho, que se deve seguir para a quebra destes estigmas: construir uma nova cultura. Para Santos Souza (1983):

saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades (SANTOS SOUZA, 1983, p. 17-18).

A seguir discutiremos acerca dos modelos de beleza negra tradicionais e na contemporaneidade.

2. MULHER NEGRA É RAÇA E É COR

*Eu me orgulho de ser uma mulher negra
Eu tenho kelê
Eu tenho a dijina
Minha vó que foi rainha
Minha mãe que foi princesa
Eu me orgulho de ser uma mulher negra.
(Mulher Negra – Banda Reflexus)*

Discutir acerca da beleza da mulher negra brasileira traz à tona antigas inquietações, visto ainda perdurarem modelos cujas bases étnicas distanciam-se do que se é desejado em termos de identidade e autoafirmação. O geógrafo Milton Santos, num discurso proferido acerca da negritude no Brasil, descrito por Caldeira (2016), desabafa:

a questão passa por aí, da questão do negro brasileiro, porque assim que me intitulo, eu sou um negro brasileiro, não quero ser outra coisa senão um negro brasileiro, mas quero ser um brasileiro integral. A luta que tem que ser feita passa por criar uma consciência nacional e não, digamos, nos limitarmos a uma produção de uma consciência negra, porque os negros já estão cansados de saber qual é sua condição na sociedade. Para isso é necessário preparar outro discurso. (...) A autoestima pode ser parcialmente enfrentada a partir de outro discurso também. É isso, por isso, que não perdoei ao governo federal, e aos governos estaduais, que não põem seus recursos jornalísticos a disposição da produção do discurso da autoestima, o que não custaria muito, mas que tem que ver com as condições de nosso tempo, que tem que ser analisada e se propor outra coisa. (SANTOS *apud* CALDEIRA, 2016, s.p).

Não adianta o discurso de que o país precisa superar o preconceito e a falácia da democracia racial, se não for legitimamente incorporado por todas as camadas sociais e grupos étnicos.

Na obra “Beleza Negra. Representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras”, organizada por Ângela Figueiredo e Cintia Cruz (2016), há toda uma gama de artigos construídos a partir das experiências vivenciadas em salões de beleza,

em entrevistas com mulheres negras e seus enfrentamentos em superar os estereótipos e conceitos negativos acerca de suas aparências, fenótipos, estruturas de cabelo, formato de nariz e boca, numa luta por garantir o reconhecimento de seus valores estéticos, naturalmente, sem precisar de artifícios, manipulações e transformações químicas.

Os autores elencados nesta obra como Viana (1979), Gomes (2016), Schimdt (2009), Evaristo (2011) e tantos outros, reafirmam que a condição da beleza negra se assenta muito fortemente nos cabelos crespos, sem movimento e que nestes últimos anos tem adquirido maior visibilidade, estabelecendo uma nova estética negra e a bandeira levantada a favor da exuberância e beleza dos cabelos sem alisamento.

As práticas propostas a partir deste novo pensar garantem-se nos pressupostos de que é preciso:

- Retomar antigos padrões de beleza originalmente africanos, rompendo com os padrões europeus ainda vigentes;
- Propor uma nova estética pelos movimentos negros e reinterpretada pelos sujeitos sociais;
- Garantir que este fato e nova realidade alcancem a todos os segmentos sociais dos negros de forma indistinta, independente de escolaridade, condição socioeconômica, naturalidade ou cultura local;
- Estabelecer a relação afetiva com sua ancestralidade e orgulho do passado vivido, aumentando a autoestima;
- Rever os conceitos que depreciam a raça negra, colocando-a como inferior, incapaz ou subalterna;
- Elevar os valores e modelos negros, através de exemplos práticos, de personagens que dignificam, por seus atos, os valores dos seres humanos, independentemente da cor, raça ou etnia;
- Rejeitar e repudiar toda e qualquer manifestação que represente abuso hegemônico dos brancos preconceituosos e das ações discriminatórias e racistas;
- Requerer produtos de consumo que valorizem e estejam adequados às características e necessidades da pele e cabelos negros;
- Valorizar os trançados dos cabelos, o uso de acessórios e enfeites como os turbantes e lenços, miçangas e búzios, assim como os modelos *rastafári*.

Gomes (2002), afirma que a identidade negra se sobressai quando se trata do cabelo crespo e o corpo negro, pois: “juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso, não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos”. (GOMES, 2002, p.42).

Além disso, cabelo e cor da pele são critérios de classificação racial que separa negros, pardos, brancos e as várias gradações da negrura. Gomes (2002) ressalta que tornar o cabelo aceitável faz parte das concepções culturais em cada tempo: alisados nos anos 60, afro nos anos 70, permanente afro nos anos 80, alongamento nos anos 90 e o cabelo natural em nossos dias, uma vez que estes modelos carregam significados importantes, a iniciar pelos atos de violência nos anos de escravidão, quando os cabelos eram raspados para que não se visualizassem a identidade de cada grupo negro, cujos cabelos representavam o *status* social, suas marcas identitárias e de dignidade.

3. MEU CABELO VEIO DA ÁFRICA, JUNTO COM MEUS SANTOS

*Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos.
(Chico César)*

Os seres humanos, por suas condições perceptivas, estabelecem relações consigo mesmo e com os outros através do seu pensar e agir sobre o mundo. A incorporação das imagens, as representações, o exercício cognitivo e sensorial de reconhecimento de si mesmo inicia-se desde muito cedo.

Os teóricos do desenvolvimento humano, como Wallon (1973), Piaget (1971), Vygotsky (1989), Gardner (2001) dentre outros, afirmam que a interação sujeito e mundo passa pela percepção fisiológica, sensitiva, mental ou cognitiva alimentada pela reciprocidade entre o que é biológico e a cultura, exprimindo sentidos. Para Freitas (2008):

Perceber o mundo é apreender e aprender o mundo com o corpo, é perceber o corpo. Isto implica na integração de modelos sociais. A descoberta do corpo e a formação da imagem do corpo passam por situações sociais. É na interação com outras pessoas do entorno social que os modelos são internalizados, isto é, nas vivências e

experiências, que são intransferíveis e subjetivas. (FREITAS, 2008, p. 323).

Dentro da cultura negra, os cabelos exercem papel fundamental, que sobrepõe a estética. Eles representam, como já se foi mencionado anteriormente, um elemento de consciência racial, compreensão das relações sociais em combate à exclusão, racismo, sentimento de pertença e o que Cruz (2016, p. 79) menciona como “viver no corpo a experiência da beleza”.

Para Paul Gilroy:

A identidade negra não é meramente uma categoria social e política a ser utilizada ou abandonada de acordo com a medida na qual a retórica que a apoia e legitima é persuasiva ou institucionalmente poderosa. Seja o que for que os construcionistas radicais possam dizer, ela é vivida como um sentido experimental coerente (embora nem sempre estável) do eu [*self*]. Embora muitas vezes seja sentida como natural e espontânea, ela permanece o resultado da atividade prática: linguagem, gestos, significações corporais, desejos (GILROY, 2001, p. 209).

Nas pesquisas apresentadas acerca da beleza natural dos cabelos afrodescendentes, percebe-se que há um efeito positivo na autoestima das mulheres negras, que frequentam salões de beleza étnicos, principalmente ao se depararem com inúmeras publicidades com fotos de negras sorridentes, cabelos livres ou enfeitados, coloridos, “supostamente poderosas”, (CRUZ, 2016, p.80), utilizando produtos de embelezamento apropriados à sua pele e características físicas naturais.

A autoimagem das mulheres negras, permitidas pela construção do que se deseja, disponível nas imagens fotográficas das revistas específicas para a realidade afrodescendente, *outdoors*, publicidades em salões de beleza ou expostas no cotidiano devem reforçar que:

na procura de si mesma, a consciência crê se encontrar no espelho das criaturas e se perde no que não é ela. Tal situação é fundamentalmente mítica, uma metáfora da condição humana que está sempre em busca de uma completude repetidamente lograda, capturada incansavelmente em miragens que encenam um sentido onde o sentido está sempre em falta. (SANTAELLA e NÖTH, 2015, P. 196).

Amorim (2011, p. 91) afirma que “não é possível estabelecer uma identidade negra apenas pela atuação em um campo da atividade humana, para compor os entrelaçamentos da

identidade negra: a matriz histórica palmarina; os sistemas culturais e políticos, através dos quais os movimentos sociais negros transitam; e os valores civilizatórios que fazem parte das ações educativas”.

Selecionamos, a seguir, algumas imagens fotográficas disponibilizadas na Revista Raça Brasil, considerando apenas os rostos e cabelos, que se constituem em modelos de beleza feminina, exemplificando no espaço-tempo, como foram se orientando.

4. TRAÇOS NEGROS SÃO NOSSA REFERÊNCIA

*Respeitem meus cabelos, brancos
Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar
(Chico César)*

Um dos referenciais de beleza negra no Brasil tem sido a Revista Raça Brasil. Tendo sido criada em 2 de setembro de 1996, completou maioridade em 2017, ou seja, chegou aos seus 21 anos. Criada para refletir o pensamento negro de orgulho e combater atos de racismo, preconceito e estereótipos, teve em Aroldo Macedo, seu primeiro editor chefe.

A revista foi concebida a partir dos movimentos políticos no Brasil, África do Sul e nos Estados Unidos, incentivada pelo “*Black is Beautiful*”; das lutas pela inserção de direitos dos negros na sociedade, iniciadas nas décadas de 60 e 70, do Século XX, dos discursos de Luther King, do movimento dos Panteras Negras, dos atos políticos de Malcolm X, das denúncias e esforços pela libertação do regime do Apartheid, tendo como seu representante principal Nelson Mandela. (TAVARES, 2010).

A revista em formato de mídia impressa, publicada mensalmente, pode ser encontrada em bancas ou distribuidoras dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia e na internet pelo site <https://revistaraca.com.br/>.

Suas cores e ilustrações apresentam colunas de entrevistas, artigos, moda e beleza, festas, publicidades e conteúdos, que buscam enaltecer as qualidades da população negra, dos valores da raça e de identidade.

Os cartazes de propaganda expostos nas paredes dos salões de beleza também apresentam modelos exuberantes, nos estilos afro de cabelos, maquiagem e moda.

As imagens a seguir representam modelos dentro da perspectiva do tempo e da moda vigente, a partir da década de 60, do século passado. As imagens foram selecionadas aleatoriamente, apenas como representação do estilo mais forte de cada tempo.

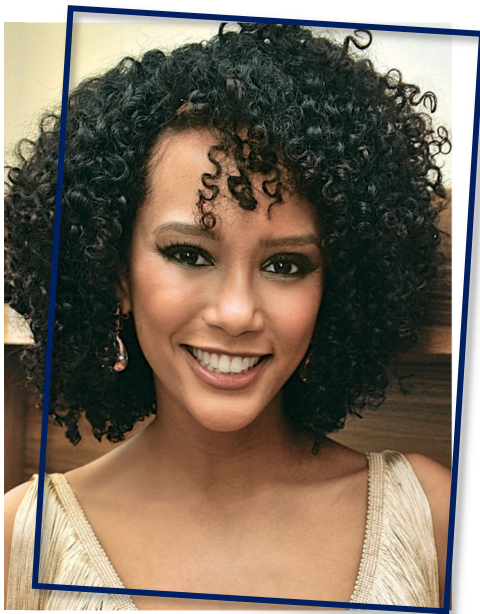


Aretha Franklin – anos 60⁸



Diana Ross – anos 70⁹

Figuras 1 e 2: Cantoras Negras Norte-americanas



Thaís Araújo – anos 80¹⁰



Naomi Campbell- anos 90¹¹

Figuras 3 e 4: Atriz Brasileira e Modelo Internacional

⁸Disponível em: <https://abrilveja.files.wordpress.com/2016/06/aretha-franklin-20120321-45-original1.jpeg?quality=70&strip=info&w=928>

⁹ Disponível em: <https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2014/11/21/grandes-cantoras-negras-da-historia/>

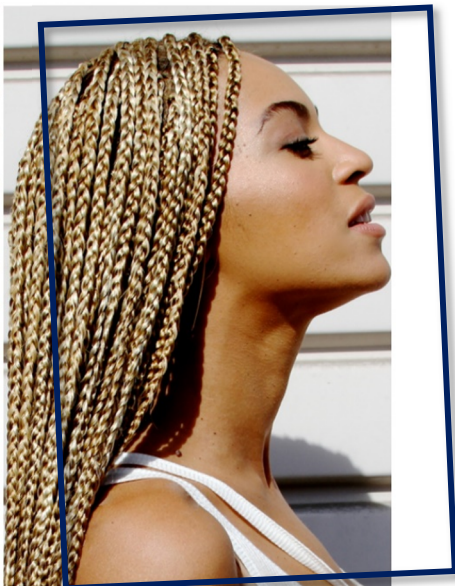
¹⁰ Disponível em: <https://i.pinimg.com/736x/23/e9/35/23e93526be30d480712a0020410963b7--rapunzel-.jpg>

¹¹ Disponível em: <https://abrilmdemulher.files.wordpress.com/2017/06/naomi-campbell.jpg?quality=90&strip=info&strip=info>



Negra Li¹² Anos 2000 – Século XXI Elisa Lucinda¹³

Figuras 5 e 6: Cantora e Poetisa Brasileiras



Beyoncé¹⁴ Contemporaneidade Sheron Menezes¹⁵

Figuras 7 e 8: Cantora Americana e Atriz Brasileira

As figuras de 1 a 10 acima são apenas exemplos do que se compreende por modelos de beleza negra, nem sempre seguidos ou imitados pelas mulheres em cada

¹²Disponível em:

http://s2.glbimg.com/m0VwtuJ0kLAXbx_PLcHQIDDv6QU=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2015/10/16/negra_li.jpg

¹³ Disponível em: <https://mamilusdevenus.files.wordpress.com/2014/03/elisa-lucinda-premio-claudia-2010.jpg>

¹⁴ <http://hairdrama.com.br/wp-content/uploads/2014/05/beyonce1.jpg>

¹⁵ <https://i.pinimg.com/originals/d5/61/a4/d561a4729a254bb1cc26e78f9e3ebe8c.jpg>

tempo. Há as conservadoras, as que preferem os cabelos alisados, as que nunca se envolveram em questões de moda por vários motivos.

Braga (2015, p. 207), traz ao lume que: “os conceitos de beleza negra-igualmente rarefeitos – estão respaldados pela história, mas também atravessados pelos discursos da mídia, da moda, do mercado, da política, do consumo, da globalização”, e o que nos propomos a discutir é justamente como as mulheres negras quilombolas jovens se veem, como se percebem em seus traços étnicos, e principalmente o que conceituam como beleza negra, elementos estes, ainda em construção.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Gabriel. **África em reflexão: Padrão de beleza e autoestima**. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/22173>. 2016. Acesso em: 17.set.2017.

AMORIM, Alessandro Moura de. **MNU Representa Zumbi (1970-2005): Cultura Histórica, Movimento Negro e Ensino de História**. Dissertação de mestrado: Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa De Pós-Graduação em História, 2011. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_alessandro_amorim.pdf. Acesso: julho, 2018

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: Edufscar, 2015.

CALASANS, Fábila. Semeando a Identidade Negra do Fio à raiz. In: FIGUEIREDO, Angela e CRUZ, Cíntia. (org.) **Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Cruz das Almas: EDURFRB, Belo Horizonte: Fino traço, 2016.

CALDEIRA, João Paulo **Como é ser negro no Brasil, por Milton Santos**. 2016. Disponível em: <http://jornalgnn.com.br/noticia/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos>. Acesso: 03.nov.2017.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher, por uma nova visão de mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana. **Eu, mulher em Moçambique**. Maputo: Aemo, 1994. p. 11-18.

COSTA, Jurandir Freire Da. **Cor ao corpo: a violência do racismo**. 1984. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/dacoraocorpo_jurandirfreire.pdf. Acesso: 10.abril.2017.

CRUZ, Cíntia. Relatos de uma etnografia não autorizada no Instituto Beleza natural. In: FIGUEIREDO, Ângela e CRUZ, Cíntia. **Beleza Negra. Representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. EDUFRB, Belo Horizonte: Fino traço, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. **Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil**. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17.set.2017.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FIGUEIREDO, Angela e CRUZ, Cíntia. (org.) **Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Cruz das Almas: EDURFRB, Belo Horizonte: Fino traço, 2016.

FREITAS, Neli Klix. **Esquema corporal, imagem visual e representação do próprio corpo: questões teórico-conceituais** Revista Ciências & Cognição 2008; Vol 13 (3), pp.318-324.

GARDNER, H. **A Criança Pré-Escolar: Como Pensa e como pode a Escola Ensiná-la**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GELEDÉS. **Entre o Institucional e o contestatório: As lutas do movimento negro no Brasil (1970-1990)**. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/entre-o-institucional-e-o-contestatorio-as-lutas-do-movimento-negro-no-brasil-1970-1990/> Acesso: julho, 2018.

GILROY, Paul, **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed. USP, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e Cabelo como ícones de construção de beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese. (Doutorado em Ciência Social). UNESP, São Paulo, 2002.

_____. **Corpo e cabelo como símbolos da Identidade Negra** in: FIGUEIREDO, Ângela e CRUZ, Cíntia. **Beleza Negra. Representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. EDURFRB, Belo Horizonte: Fino traço, 2016.

MOURA, Clóvis. **Organizações negras**. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira. **São Paulo: o povo em movimento**. 4. ed. Petrópolis: Vozes/CEBRAP, 1983.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças)**. In: Scripta – **Revista do Departamento de Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros** – Cespuc – da PUC Minas, v. 8, n. 15, p. 255-268, Belo Horizonte, 2º sem. 2004.

PEIXOTO, Luiz Felipe de Lima e SEBADELHE, Zé Octavio. **1976 Movimento Black Rio**. RJ: Editora José Olympio, 2017.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. (Coleção Tendências; v. 4).

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **A cultura histórica em representações sobre territorialidades**. Saeculum: Revista de História, João Pessoa, ano 13, n. 16, p. 33-46, jan./jun. 2007.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Cravo, canela, bala e favela**. Rev. Estud. Fem, vol 17, n3, pp799-817, dez, 2009.

TAVARES, Suzana. **Revista Raça Brasil: Identidade, afirmação e polêmica**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Revista-Ra%C3%A7a-Brasil-Identidade-afirma%C3%A7%C3%A3o-e-pol%C3%AAmica.pdf>. Acesso: 3.nov.2017.

VIANA, Hildegardes. **A Bahia já foi assim**. São Paulo: GRD, 1979.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Enface: Paris, 1973.